

Introdução

O presente volume reúne quinze das dezassete comunicações apresentadas no colóquio *Relações Culturais Judaico-Cristãs em Portugal no Final da Idade Média*, realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), no final de 2013, e organizado pelo ARTIS – Instituto de História da Arte da FLUL e pela Cátedra de Estudos Sefarditas “Alberto Benveniste” da mesma instituição. Apesar de ser dedicado à interação cultural judaico-cristã em geral, este colóquio esteve particularmente focado nas questões relacionadas com o livro e com a iluminura, uma vez que foi realizado no âmbito do projeto de investigação intitulado *A iluminura hebraica em Portugal durante o século XV* (referência PTDC/EAT-HAT/119488/2010). Financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia através de um concurso público competitivo aberto no final de 2010,¹ este projeto decorreu entre Março de 2012 e Março de 2015, tendo contado com a participação de quase duas dezenas de investigadores pertencentes a diversos centros de investigação da FLUL (ARTIS – Instituto de História da Arte, Cátedra de Estudos Sefarditas “Alberto Benveniste”, Centro de Estudos Clássicos, Centro de História) e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Instituto de Estudos Medievais). No âmbito deste projeto foram realizados dois colóquios internacionais, publicados diversos estudos e apresentadas quatro dezenas de comunicações.

O primeiro texto deste livro, da autoria de Aires Augusto Nascimento, é uma reflexão sobre o ato de ler, em especial na Idade Média. O autor destaca a efemeridade construtiva da leitura, bem como o seu papel na edificação da consciência e individualidade do sujeito. Se-

¹ Para saber mais detalhes sobre este projeto de investigação, nomeadamente os objetivos, a equipa, as unidades de investigação, manuscritos e incunábulo estudados, conferências organizadas, estudos publicados e outros outputs, veja-se o sítio <http://hebrewilluminationinportugal.weebly.com>.

gundo o autor, o texto permite passar da leitura à contemplação, que não é outra coisa senão a restauração da unidade interior da alma. Segue-se o texto de José Augusto Ramos dedicado às principais tipologias de textos hebraicos na medievalidade, à sua especificidade e significado, e ao tipo de decoração que tais textos podem acolher. O autor analisa a relação concorrencial entre o texto e a imagem, vivida dentro do judaísmo, para apresentar a formatação do cânone bíblico e as suas consequências para a organização e segmentação do texto sagrado. O autor destaca o papel que a decoração desempenha para marcar tais divisões, bem como o papel dos complementos pedagógicos aos textos sacros e as potencialidades que os mesmos encerram para o desenvolvimento da imagem.

O terceiro texto, de Manuela Santos Silva, é dedicado à presença dos judeus na corte portuguesa durante os séculos XIV e XV. A autora destaca o facto de a maior parte das referências a judeus estar associada à “Câmara” da corte régia, e não à “Aula” ou, naturalmente, à “Capela”. A integração na Câmara real derivava das competências científicas dos judeus, como físicos e astrólogos, e do facto de pertencerem a grandes famílias de comerciantes, como os Negro, os Navarro, os Abravanel, os Palaçano, os Zarco, os Latão, entre outras, tendo competências excepcionais para apoiar, e administrar, as finanças régias. Segue-se um texto de Margarida Garcêz dedicado também à presença de judeus e conversos junto da corte régia. A autora analisa com detalhe a legislação medieval referente aos judeus em Portugal, incluindo a que proibia as conversões forçadas e a que condenava a apostasia, e discute o impacto das vagas de refugiados judeus e conversos castelhanos e aragoneses em Portugal, sentidas desde os finais do século XIV. Paulo Mendes Pinto e Susana Mateus, por sua vez, desenvolvem um texto demonstrativo do crescendo da intolerância relativamente a Judeus no século XV por parte da maioria cristã, que culminará na expulsão ou conversão forçada dos judeus sefarditas. Os autores sublinham os problemas de fundo que nortearam a relação difícil entre o cristianismo e o judaísmo em Portugal, que acabaram por conduzir ao brutal massacre de milhares cristãos-novos em Lisboa, em 1506.

Segue-se um conjunto de textos sobre a produção de livros e ilu-

minura cristã em Portugal, cujo conhecimento é essencial para se perceber melhor a cultura artística contemporânea da iluminura hebraica portuguesa tardo-medieval. O primeiro desses textos, da autoria de João Castela Oliveira, é dedicado à história dos incunábulos hebraicos portugueses, editados entre 1487 e 1497. Para se ter uma ideia da sua relevância, basta sublinhar que durante esse curto período de tempo, não só os judeus portugueses foram pioneiros na introdução da tipografia no reino, como quase metade dos incunábulos impressos em Portugal corresponderam a edições hebraicas. Horácio Peixeiro e Catarina Fernandes Barreira redigiram dois textos sobre a iluminura portuguesa do século XV. O primeiro autor apresenta uma síntese sobre essa produção artística, sublinhando o peso da filigrana de iniciais e da decoração fito-zoomórfica nos manuscritos portugueses. A segunda autora analisa o *scriptorium* do Mosteiro de Alcobaça, especialmente o manuscrito ALC. 459 e, em menor grau, o ALC. 62, colocando em destaque algumas soluções decorativas semelhantes às que encontramos na iluminura hebraica portuguesa. Adelaide Miranda e Luís Ribeiro, por sua vez, desenvolvem um estudo sobre as principais tipologias e centros de produção dos manuscritos iluminados importados para Portugal durante o século XV. Os autores salientam a importância da circulação dos manuscritos produzidos no norte de França, na Flandres e no norte de Itália, sobretudo correspondentes a Livros de Horas.

Segue-se, na segunda parte do livro, um conjunto de textos onde a interação cultural judaico-cristã é analisada de forma mais direta. O primeiro desses textos, de Ana María Tarrío, parte da análise das trovas a Luís Fogaça, de Álvaro de Brito Pestana (c. 1481), reunidas no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. Tais trovas condenam a mistura entre o saber cristão e judaico na cidade de Lisboa, por volta de 1480, incidindo sobre a comunidade de cristãos hebraístas. António Costa Canas, por sua vez, analisa os contributos de Abraão Zacuto e José Vizinho para o desenvolvimento da navegação astronómica em Portugal, que permitiu aos navios passarem longos períodos sem avistar terra, sendo escusado salientar os desenvolvimentos que tal conhecimento possibilitou.

Seguem-se dois textos sobre a iluminura hebraica portuguesa tardo-medieval. O primeiro, da autoria de Luís U. Afonso, é dedicado à caracterização da Escola de Lisboa de iluminura hebraica, integrando-a no contexto da produção dos manuscritos sefarditas iluminados tardo-medievais, nomeadamente os realizados em Toledo e na Andaluzia durante o último terço do século XV. Tiago Moita, por sua vez, analisa as cercaduras de folhagens acânticas e motivos zoomórficos dos manuscritos da Escola de Lisboa. O autor sublinha as semelhanças que existem com cercaduras de manuscritos hebraicos e cristãos italianos, sobretudo realizados na região da Campânia, apontando o sul itálico como um espaço privilegiado para o diálogo artístico judaico-cristão e como uma eventual fonte para os manuscritos hebraicos portugueses.

Miguel Metelo de Seixas, por sua vez, analisa a heráldica patente nos manuscritos iluminados hebraicos portugueses, procurando indícios que sustentem outra funcionalidade além da decorativa. Um dos dados mais interessantes diz respeito ao facto de os brasões patentes nesses manuscritos se integrarem, quase todos, nas normas dos tratados de armaria, nomeadamente no que respeita à estilização das figuras, ao seu posicionamento no escudo e à observação da chamada lei dos esmaltes. Por fim, Paula Freire Cardoso dedica o seu estudo à análise das eventuais relações entre a iluminura do Mosteiro de Jesus de Aveiro e a iluminura hebraica da mesma época, destacando a similitude de algumas soluções decorativas, como a combinação entre a filigrana púrpura e a marcação de letras a ouro.

Concluimos esta brevíssima introdução manifestando o nosso profundo agradecimento aos autores que colaboraram neste volume e à Cátedra de Estudos Sefarditas “Alberto Benveniste” da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que abraçou este projeto desde a origem e que apoiou financeiramente a edição do presente volume.

Lisboa, Dezembro de 2014

LUÍS URBANO AFONSO
PAULO MENDES PINTO